

## **Memória, apagamento e afecto: correntes ideológicas na literatura infantil não-ficcional sobre Timor-Leste**

David Callahan  
Universidade de Aveiro

### **Encontrando a literatura infantil não-ficcional**

No contexto da produção de material que representa Timor-Leste e a sua história recente, um campo que tem sido ignorado é o da não-ficção, primariamente orientada para a educação e a informação de crianças. Dado que é pouco provável que as crianças escolham ler este tipo de material por si próprias, ou até mesmo que expressem um grande interesse em adquirir conhecimento acerca de Timor-Leste (se bem que talvez tenha sido o caso em 1999, no período imediatamente após o referendo sobre a independência), a presumível mediação destas publicações é feita através de educadores nas salas de aula, ou por pais que tenham razões próprias para se interessarem pela causa de Timor-Leste. Ao longo dos anos, tenho conhecido pessoas assim, como, por exemplo, o condutor de uma ambulância que conheci em Sydney, na Austrália, que, quando soube que eu trabalhava acerca de Timor-Leste, quis imediatamente contar-me a sua experiência de conduzir ambulâncias com as forças da INTERFET<sup>1</sup> após o referendo sobre a independência, ou colegas meus da Universidade de Aveiro que estiveram envolvidos na criação de um programa de ensino do inglês para as escolas de Timor-Leste. Estes exemplos aleatórios, entre vários que eu poderia especificar, servem apenas para indicar que mesmo depois de algum tempo decorrido dos acontecimentos históricos que marcaram as relações recentes entre Timor e Portugal e a Austrália, há várias pessoas que mantêm uma ligação a esses eventos e que podem ter motivos para querer que os seus parentes mais novos tenham conhecimento de algo que foi, ou que continua a ser, importante para as suas vidas.

No entanto, a importância atribuída aos eventos em Timor-Leste por parte de outros países é de tal forma limitada, que não é expectável que haja muitos contextos educativos onde a necessidade ou o desejo desse tipo de material seja manifesta. Com a óbvia excepção de Timor-Leste, os principais sítios onde se pode esperar que material não-ficcional dirigido a um público

---

1 International Force for East Timor.

infantil possa ser produzido são apenas a Austrália, Portugal e a Indonésia. Na ausência de informação no que diz respeito à Indonésia, bem como à incapacidade de aceder a material escrito em indonésio, este artigo focar-se-á em material produzido principalmente na Austrália e em Portugal, dando uma visão panorâmica do material disponível, comparando-o e tecendo comentários acerca das suas implicações ideológicas.

O corpus a ser examinado inclui *Timor Contado às Crianças... e aos Outros* (1999), um sumário engajado composto de forma algo apressada por um prolífico escritor português de literatura infantil, José Jorge Letria; *Timor Lorosa'e: A Ilha do Sol Nascente* (2001), um livro ilustrado para crianças muito novas de João Pedro Mésseder (o pseudónimo de José António Gomes), outro importante escritor português de livros infantis; e dois outros livros produzidos para escolas e bibliotecas na Austrália: o abrangente *The Long Patrol: Australia and East Timor's Wars* [*A Longa Patrulha: As Guerras da Austrália e de Timor-Leste*] (2008), de Richard Plunkett, e um livro publicado como parte de uma colecção chamada "Our Neighbours" ["Os Nossos Vizinhos"], com o título *Papua New Guinea, The Philippines and East Timor* [*Papua Nova Guiné, as Filipinas e Timor-Leste*] (2004), de Michael e Jane Pelusey. Para além destes, será também analisado um livro feito para as bibliotecas nos Estados Unidos da América antes dos eventos traumáticos de 1999 que catapultaram Timor-Leste para as bocas do mundo, chamado *East Timor: Island in Turmoil* [*Timor-Leste: Ilha em Tumulto*] (1998), de Taro McGuinn.

### **Livros e discursos para os mais novos**

Os livros na colecção australiana *Our Neighbours* combinam textos muito breves, fichas informativas interessantes e fotografias numa tentativa deliberada de conseguir um formato supostamente neutro, com cada país a ser sumariado em sete a dez páginas. O enfoque principal destes livros não é a história: estes lidam com cada país através de trechos de informação acerca de características físicas, animais e plantas, povo, religião e cultura, história e governo, e indústria e comércio, para usar os subtítulos dos livros. Ao passo que qualquer uma destas áreas encerra em si o potencial de ser politizada, insistir que a página acerca dos animais e das plantas, escrita para crianças australianas, deveria mencionar os danos causados aos padrões de uso da terra em Timor-Leste e a política de terra queimada em algumas zonas do país durante os anos da ocupação indonésia seria talvez uma perspectiva extrema e inesperada. De notar, no entanto, que a destruição do meio ambiente em benefício de interesses políticos e económicos da Indonésia é precisamente um dos elementos-chave no enredo de um romance infantil cuja acção se passa em Timor-Leste,

*The Justice of the Dagger [A Justiça do Punhal]* (1998), do engajado escritor inglês de literatura infantil James Watson.

Na primeira página dedicada a Timor-Leste do livro *Papua New Guinea, The Philippines and East Timor* (2004), pode ler-se, no contexto da descrição da bandeira nacional, que a FRETILIN<sup>2</sup> é “um grupo político e de luta pela liberdade de Timor-Leste”, e no parágrafo acerca das cidades, que Díli sofreu “anos de luta, fogo e destruição” (Pelusey, 2004: 24). No entanto, e estranhamente, a Indonésia não é aqui referida. Quando o livro fala da ajuda das Nações Unidas a Timor-Leste para reconstruir o que tinha sido “destruído pelo combate” (Pelusey, 2004: 27), os leitores infantis, desconhecedores da história, não sabem quem estava a combater quem, e presumivelmente cabe a quem está a ler o livro em voz alta fornecer, ou não, informação adicional. Contudo, o formato do livro sugere que este talvez não seja destinado exclusivamente a ser mediado por um leitor adulto. O aspecto gráfico, incluindo o uso de um tipo de letra dinâmico para alguns cabeçalhos, várias imagens de crianças e outras imagens que presumivelmente as crianças acham atraentes, sugerem que se espera que as crianças possam folhear o livro sozinhas, ou que este seria o tipo de livro que um educador usaria com grupos pequenos, mostrando as páginas e examinando-as com as crianças.

A secção dedicada a “História e governo” é aquela em que têm de ser feitas escolhas mais sensíveis acerca do material a incluir. Aqui, referir que a Indonésia “invadiu” Timor-Leste é inevitável. No entanto, a acusação mais grave que se faz à ocupação indonésia é que “manifestações de rua contra o regime indonésio eram fortemente suprimidas”, e que depois do referendo de 1999 em que os timorenses votaram a favor da independência, “manifestantes armados mataram muitas pessoas e destruíram muitas propriedades” (Pelusey, 2004: 29). O facto de que os “manifestantes armados” eram uma mistura de soldados indonésios e milícias locais com o apoio e a cumplicidade do exército indonésio é omitido, enquanto que “fortemente suprimidas” evita referência ao uso de assassínio, violação e tortura como estratégias através das quais as autoridades indonésias reprimiam qualquer oposição.

Reconhece-se, no entanto, que há fortes razões para evitar material perturbador e violento num livro para crianças em idade escolar pré-secundária. Pesquisa educacional acerca da forma como as crianças processam a história em diferentes estágios de desenvolvimento mostra que as crianças com idade aproximada à do público-alvo do livro possuem “uma inclinação para certezas e hierarquias claras; uma abertura para a ‘possibilidade’ pode deixar os alunos com um sentimento de vulnerabilidade” (Hawkey, 2007: 66, seguindo Egan, 1997: 122). Como Colleen O’Malley *et al*

---

2 Frente Revolucionaria de Timor-Leste Independente.

explicam em “Children’s Reported Communication With Their Parents About War” (2007), “os pais devem saber que [ouvir acerca] de situações políticas violentas pode resultar nas crianças mais novas recearem principalmente pela sua própria segurança” (O’Malley, 2007: 1640). Embora estabelecer uma ligação entre acontecimentos num outro lugar e a própria situação aparentemente segura possa parecer despropositado e um exemplo de práticas de leitura irrealistas por parte das crianças, também se pode dizer que estas crianças intuem correctamente que o que acontece noutra lugar e a outros na verdade interpela a forma como percebemos a nossa posição no mundo, e intuem também a sua potencial vulnerabilidade quando confrontadas com eventos extremos e crueldade humana. A introdução forçada das questões morais e políticas associadas à relação da Austrália com a história de Timor-Leste teria o potencial de desestabilizar a tendência psico-desenvolvimental das crianças para ordenar o mundo em categorias estáveis, e seria também uma insistência gráfica na violência indonésia, um assunto que poderia conduzir ao questionamento do papel da Austrália e, por extensão, do papel desempenhado no mundo pela nação e pelos familiares mais velhos dessas crianças. Sob este prisma, por exemplo, é esperar demasiado que nas linhas dedicadas ao “Gás natural e petróleo”, a forma agressiva e imoral como a Austrália lida com o seu pequeno e frágil vizinho seja abordada.

O facto de que a Austrália teve um papel na história de Timor-Leste torna-se aparente pelo uso de uma fotografia das proas de dois navios de guerra australianos, ambos arvorando o pavilhão da Austrália, acompanhadas pela legenda: “Guardiões da paz da marinha australiana deixam o Porto de Darwin com destino a Díli em 2001” (Pelusey, 2004: 29). Noutra fotografia na mesma página menciona-se outra vez que “As Nações Unidas enviaram uma força de manutenção da paz para Timor-Leste.” Pese embora o facto de que os australianos, em termos étnicos, podem ter qualquer aspecto físico, a escolha de um rosto anónimo com características do Sudeste Asiático pode ser interpretada como uma tentativa de neutralizar a associação da Austrália com as forças de manutenção da paz das Nações Unidas, à luz da relação sensível entre a Indonésia e a Austrália. Ao mesmo tempo, a referência a uma força de manutenção da paz que só foi enviada para Timor-Leste em 2001, quando foi a situação em 1999 que indignou o resto do mundo e que levou à intervenção das Nações Unidas, em conjunto com a referência às nacionalidades e relações de poder não-especificadas entre os “manifestantes armados”, pode ser lida como sugerindo subliminarmente que o que estava por trás da necessidade da intervenção da Austrália e das Nações Unidas era a indisciplina dos próprios timorenses, e não as acções brutais da Indonésia ao longo de 24 anos. Isto serve para perpetrar estereótipos ocidentais acerca das nações menos desenvolvidas materialmente serem incapazes de se autogovernarem e precisarem de ser salvas por nações mais bem-sucedidas,

uma ideia que encontra eco numa declinação de estereótipos australianos bem enraizados acerca da sua superioridade em relação às nações suas vizinhas do Sudeste Asiático e do Pacífico. E claro, isto também projecta a Austrália no papel de salvadora, não obstante o facto de a convivência da Austrália com a invasão indonésia de Timor-Leste ter sido instrumental para assegurar que a invasão aconteceria em primeira instância, e posteriormente, o apoio australiano da ocupação indonésia ter sido constante e um factor indispensável para a longevidade dessa ocupação. Ainda que o material histórico contemporâneo para adultos participe nas tendências historiográficas revisionistas em que a crítica severa da própria nação é comum, os protocolos da escrita infantil parecem deslegitimar tais abordagens.

Estratégias semelhantes para o apagamento de material perturbador para crianças muito novas podem ser vistas no livro do escritor infantil português João Pedro Mésseder, *Timor Lorosa'e: A Ilha do Sol Nascente* (2001) (ilustração de André Letria), onde nenhum país é referido directamente. Apesar de se escrever que “soldados estrangeiros ... tinham matado e massacrado, / apagado o sol e trazido com eles /, uma noite que parecia longa, / tão longa como a morte” (Mésseder, 2001: s.p.), as ilustrações mostram coisas como faces tristes ou um sol triste – os resultados da violência ou metáforas para a violência, e não imagens da violência. Para além disso, ao aparecer em 2001, quando Timor-Leste estava efectivamente livre da ocupação indonésia, é possível ao livro acabar numa nota de esperança e reconstrução para o povo não especificado, sendo presumivelmente deixada à discrição dos pais ou educadores escolher a quantidade apropriada de informação específica que acompanhará o livro, quando este é lido em voz alta às crianças.

Tendo em consideração as restrições acima referidas à inclusão de material perturbador em livros para crianças muito novas, o livro de Mésseder parece invulgarmente directo e insistente nas suas referências ao nível de violência evidenciado em Timor-Leste. A escolha de “soldados estrangeiros” pode ser lida como uma diluição da retórica acusatória, dado que não se refere especificamente a Indonésia, mas também pode ser lida como uma consciência de que a especificação de um país do qual crianças muito novas não teriam ouvido falar, nem teriam sido capazes de encaixar numa grelha explicativa, seria um obstáculo à história mais geral de opressão e de libertação que Mésseder tem para contar.

### **Da suposta objectividade ao revisionismo**

*East Timor: Island in Turmoil* (1998), escrito pelo norte-americano Taro McGuinn, e publicado pela Lerner Books, uma das maiores editoras de literatura infantil dos EUA, e com um

grande enfoque em material educacional, é muito mais extenso, e em grande medida está em conformidade com as perspectivas que se tornaram generalizadas acerca da ocupação indonésia. O livro faz parte de uma colecção chamada “World in Conflict” [“O Mundo em Conflito”], que aborda os seguintes sítios: Bósnia, Chipre, Haiti, Curdistão, Irlanda do Norte, Quebeque, Ruanda, África do Sul, Sri Lanka, Sudão e Tibete. Apesar de ser preciso ser uma criança muito bem informada para sequer ter ouvido falar de todos estes sítios, já para não falar de ter consciência dos vários tipos de conflito a que estes estavam associados durante os anos 90 do século XX, quando *East Timor: Island in Turmoil* foi publicado, presumivelmente cada título tem como público-alvo grupos interessados especificamente num destes conflitos. Como no caso do meu exemplo anterior do condutor de ambulâncias em Sydney, há inúmeras pessoas com ligações a locais em “conflito”, desde operacionais das Nações Unidas até trabalhadores humanitários de várias ONG, a oficiais de nações directamente envolvidas – neste caso a Austrália, Portugal e a Indonésia – ou nações vizinhas; famílias apanhadas nas várias ramificações do conflito, desde aquelas que sofreram violência directamente até empresas e os seus trabalhadores que sofreram as repercussões de situações de conflito em que o comércio é necessariamente afectado, ou em alguns casos, completamente interrompido. Naturalmente, as famílias das muitas pessoas afectadas ou apanhadas nestas situações também são, elas próprias, de alguma forma afectadas, justificando assim a procura de informação e explicação destas situações para crianças. Outro exemplo de um livro que se presume ter como público-alvo grupos especificamente interessados na história de Timor-Leste é *Beloved Land: Stories, Struggles, and Secrets from Timor-Leste* [Terra Amada: Histórias, Lutas e Segredos de Timor-Leste] (2013), de Gordon Peake. Peake, que é originalmente da Irlanda do Norte, explica que nas cidades de Dungannon e Portadown há muitos timorenses a trabalhar em empresas de transformação de carne. Ele diz, “Onde quer que eu estivesse em Timor-Leste, dizer que vinha da Irlanda do Norte provocava sempre a mesma reacção sorridente. Os olhos dos timorenses brilhavam e eles diziam-me que tinham amigos ou familiares a viver lá” (Peake, 2013: 216). É legítimo imaginar assim que haverá famílias em Dungannon e Portadown intrigadas pela presença de pessoas de um lugar tão distante e tão pouco conhecido, e que procuram uma fonte de informação fidedigna para contextualizar os timorenses às crianças locais.

Todavia, nas definições de “palavras que tens de saber”, o livro de Taro McGuinn define guerrilha como “normalmente indicando actividades radicais, agressivas ou não-convencionais” (McGuinn, 1998: 7). Insurge-se contra os meios de comunicação sociais por “atribuir demasiada glória e atenção aos movimentos de independência”, e assim “alimentar o fogo do conflito” (McGuinn, 1998: 9). O livro tenta pesar os argumentos a favor do controlo indonésio contra o

reconhecimento de que a maior parte da população não quer ser governada pela Indonésia, como se as razões para a invasão indonésia fossem simplesmente pontos de vista tão legítimos como a vontade do próprio povo timorense. Construções estranhas traem o suposto registo judicioso do livro, como por exemplo, a observação de que os timorenses “*não conseguem* ver a inevitabilidade do governo indonésio” (McGuinn, 1998: 35; ênfase minha), ou que infra-estruturas como as estradas que, entre outras coisas, permitiram à Indonésia controlar e observar a população mais de perto, são apenas “confortos” (McGuinn, 1998: 81).

A bibliografia quase exclusivamente anti-Indonésia, por outro lado, oferece uma pista acerca de onde as simpatias do autor realmente recaem, de tal forma que é difícil evitar a conclusão que o formato geral da colecção “World in Conflict” ditou os esforços do autor para explicar a situação em Timor-Leste sem parecer tendencioso, o que constitui uma excepção já que nessa altura para quase todos os escritores que se debruçavam sobre o assunto, a violenta opressão de Timor-Leste por parte da Indonésia era avaliada como obviamente ilícita, imoral e condenável. A curta bibliografia, no entanto, e como referi, pinta um quadro muito diferente daquele que por vezes soa ao discurso rígido associado com os oficiais do governo de certas nações, e particularmente da Austrália, tentando parecer judiciosos e conhecedores racionais de geopolítica, ao mesmo tempo que desvalorizam a dor e as aspirações de outras pessoas. A totalidade da bibliografia resume-se a *The War Against East Timor [A Guerra Contra Timor-Leste]*, de Carmel Budiardho (*sic*; devia ler-se Budiardjo) e Liem Soei Liong, e outros livros-chave acerca da invasão e da opressão de Peter Carey e G Carter Bentley (*sic*; devia ler-se Bentley), Steve Cox e Peter Carey, Jill Jolliffe, José Ramos Horta e John G Taylor, e o relatório de 1990 da Asia Watch Committee acerca da situação, categoricamente chamado *Injustice, Persecution, Eviction [Injustiça, Perseguição, Expulsão]*.

*The Long Patrol: Australia and East Timor's Wars* (2008), de Richard Plunkett, é uma síntese detalhada, clara e cativante dos contextos, da história e do rescaldo da invasão indonésia, e faz parte de uma colecção australiana de livros engajados que explicam a história, desta vez não para crianças muito novas, mas para crianças mais velhas e adolescentes. Em secções curtas e com numerosas ilustrações, e incluindo um grande número de citações de timorenses e australianos, desde soldados até académicos, o livro apresenta uma visão abrangente de toda a história da invasão e opressão indonésias num estilo pessoal e coloquial, em que o registo pseudo-objectivo é activamente evitado. As instituições oficiais da Austrália são fortemente e consistentemente criticadas, desde o momento em que o país invadiu Timor-Leste durante a Segunda Guerra Mundial. O livro enfatiza este período como o contexto para a traição australiana de Timor-Leste — daí *East Timor's Wars [As Guerras de Timor-Leste]* no plural — repetidamente recriminando a

hipocrisia e a interferência dos governos australianos, que contrasta com o apoio em massa do povo timorense por parte do povo australiano, particularmente durante e depois do referendo de 1999.

A capa de *The Long Patrol*, com uma imagem de combatentes pela liberdade timorenses e alusão, através do design e das cores, à bandeira timorense, sugere mais do que uma pista em relação às simpatias do livro. O uso repetido da estrela da bandeira que aparece na primeira página de cada capítulo reforça o apoio ao povo timorense e às suas aspirações de ser politicamente livre. Ademais, este apoio implícito não necessita de ser decodificado, uma vez que o livro começa descomprometidamente com um apelo aos valores fundamentais da noção de si-próprio da Austrália: “Há algo na história do tipo franzino que no fim triunfa sobre o rufia que me agrada particularmente” (Plunkett, 2008: 1). Esta crença que a nação australiana é fundada na luta dos grupos oprimidos – degredados, mineiros e os seus descendentes, e classes trabalhadoras honestas em geral – está enraizada na conceptualização do ponto de origem a partir do qual os seus valores evoluíram. Um dos estádios desta evolução inclui ter tido que disputar a visão britânica da inferioridade dos australianos, e das práticas culturais australianas em geral. Ao passo que estas crenças, e o seu uso por parte dos políticos quando estas lhes são favoráveis, têm vindo a ser sofisticadamente desconstruídas pelos estudos culturais e por historiadores, particularmente nos últimos 40 anos (Cf. White, 1981, Hodge e Mishra, 1991), estas continuam a circular como discursos empoderadores no esforço de responsabilizar o poder, incluindo, ironicamente, na principal narrativa de desigualdade e injustiça da história australiana, a luta continuada dos povos indígenas pelo reconhecimento, respeito e direito à terra.

Como o título do livro indica, esta não é apenas a história da invasão de Timor-Leste pela Indonésia e o seu longo percurso para a independência, mas também a história da relação da Austrália com esta história e, como se vai tornar aparente, da cumplicidade e da responsabilidade australianas no sofrimento do seu vizinho vulnerável. Por este motivo, o livro dedica algum tempo a sedimentar a relação entre as duas nações de dimensões desiguais através de uma explicação das acções da Austrália durante a Segunda Guerra Mundial. Esta é mais uma das histórias que sofreu uma revisão à luz de perspectivas contemporâneas (Cf. Stockings, 2012 para um resumo geral desta tendência, e Fernandes, 2010 para como esta se aplica especificamente ao caso de Timor-Leste). Plunkett (2008) começa por lidar com este aspecto da relação de Timor-Leste com a Austrália, não simplesmente através de prosa expositiva, mas através da dramatização de um evento que envolve comandos australianos em Díli e nas montanhas de Timor-Leste em 1942. O heroísmo dramático dos soldados australianos é afirmado através da combinação de memórias reportadas por participantes directos na operação dos comandos, e de uma fotografia da interacção entre forças

timorenses e australianas. Este sublinhar da coragem nacional e da inteligente estratégia militar à custa de uma atitude depreciativa em relação aos japoneses é um discurso recorrente nos mitos que circulam na Austrália desde a Segunda Guerra Mundial, e parece aparecer neste livro como compensação pela crítica insistente às instituições oficiais australianas que caracteriza a maior parte do texto. Por sua vez, isto ocorre no contexto de mitos comuns acerca da identidade (masculina) australiana, em que as instituições australianas são consideradas hostis aos interesses da pessoa comum, servis no que toca a seguir as grandes potências (inicialmente o Reino Unido, depois os Estados Unidos), e não fiáveis para agir de acordo com o que são os supostos valores éticos dos seus cidadãos terra-a-terra. Apesar de isto poder ser lido como uma versão da relação de todas as populações com os seus líderes, tem fortes contextos locais na história da Austrália enquanto colónia de degredados em acontecimentos icónicos tais como a luta dos mineiros contra as autoridades no século XIX, e o mito das forças militares australianas (e neozelandesas) sacrificadas como carne para canhão ao serviço dos interesses da Grã-Bretanha na Primeira Guerra Mundial. A duplicidade e veia autoritária das instituições oficiais da Austrália no caso de Timor-Leste estão patentes, por exemplo, no altamente ficcionalizado *thriller* para adultos *Double Back [Retorno ao Início]* (2009) do romancista australiano / neozelandês Mark Abernethy.

A este aspecto do livro de Plunkett (2008) segue-se uma breve tentativa de explicação da presença de Portugal em Timor-Leste enquanto poder colonizador. Esta explicação não é hostil para com, nem depreciativa de Portugal, ao contrário do que é comum encontrar nas respostas australianas à situação de Timor-Leste. O livro adopta outra posição comum em relação a este assunto: que Portugal era pobre demais, fraco demais e estava longe demais para ter podido fazer alguma coisa durante a Segunda Guerra Mundial. O principal interesse de Plunkett nesta narrativa é o de situar as acções da Austrália como nefastas para as vidas dos timorenses, e por isso chama a uma subsecção do livro “Australia Invades Timor-Leste” [“A Austrália Invade Timor-Leste”] (Plunkett, 2008: 17). O uso de uma palavra tão forte como “invade” é legitimado pelo facto de Portugal se ter declarado neutro na Segunda Guerra Mundial. Mesmo que isto tenha sido uma ficção velada, os japoneses também a usaram depois da guerra para se recusarem a pagar reparações de guerra aos timorenses, sob o pretexto de que “Portugal não era um país aliado” (Plunkett, 2008: 41). Sendo Portugal um país neutro, as suas colónias também eram oficialmente neutras, de forma que ao enviar tropas para Timor-Leste, a Austrália estava efectivamente a invadir o país, o que teve como consequência o envio de tropas e força militar para o território por parte do Japão, e o subsequente sofrimento das populações locais que se associassem à Austrália. O facto de que esta

interpretação se tornou a versão generalizada dos eventos constitui uma mudança profunda na historiografia do papel da Austrália naquele conflito.

Plunkett considera este período importante ao ponto de lhe dedicar um segundo capítulo, principalmente focado na resposta japonesa à invasão australiana, e o que isto significou para o povo timorense. De entre as curtas secções que citam pessoas que viveram a infiltração australiana em Timor-Leste, há uma de um popular, uma de um soldado japonês e uma de José Ramos Horta, onde ele diplomaticamente elogia as forças australianas e anodidamente refere que “os timorenses, por outro lado, pagaram bem caro” (Plunkett, 2008: 42). Geralmente falando, este capítulo apoia a noção da eficácia das forças australianas, algo tomado como certo nos discursos nacionais de masculinidade quando considerando não apenas os asiáticos, mas na verdade qualquer povo não anglo-céltico, e mesmo dentro deste discurso, a comparação usual entre os viris australianos e os débeis britânicos continua a ser um estereótipo corrente. No entanto, o maior objectivo deste capítulo é sublinhar, como um australiano diz, que: “Foi tudo o que receberam em troca de nos ajudar – miséria” (Plunkett, 2008: 39). Como um exemplo típico do desprezo com que as instituições oficiais da Austrália sempre trataram Timor-Leste, é referido que “O único contributo da Austrália para a recuperação de Timor-Leste depois da guerra foi a oferta de um rádio. Entre 40.000 e 70.000 timorenses tinham morrido na guerra ... o equivalente a cerca de 10-15% de toda a população” (Plunkett, 2008: 41).

Pode parecer surpreendente que Plunkett dedique tanto espaço a esta informação de fundo, mas é este contexto que enquadra toda a oposição popular australiana à anexação de Timor-Leste pela Indonésia. Repetidamente durante esse período de 24 anos, as pessoas comentaram o comportamento vergonhoso da Austrália em relação a um povo que se tinha sacrificado grandemente durante aquele épico de defesa nacional, a Segunda Guerra Mundial. Em material para adultos, este comportamento eticamente inferior é frequentemente apontado como um motivo pelo qual a Austrália deveria pagar a sua dívida no presente, mesmo que vá mais de 50 anos atrasada. Um exemplo bem conhecido desta posição é o livro de memórias de Ken White, *Criado: A Story of East Timor* [*Criado: Uma História de Timor-Leste*] (2002).

O capítulo que aborda as mudanças geopolíticas que se deram em consequência da onda de descolonização entre os anos 40 e 60 do século XX, e depois da Revolução de Abril de 1974 em Portugal, é bem informado, mas se pensarmos que este é um livro para jovens, pode parecer um pouco seco. Apesar de a sua claridade de exposição ser alta, e de não pressupor conhecimento anterior da parte dos leitores daquilo que se discute, este pode ser um caso de optimismo excessivo acerca do apetite de jovens leitores por material deste tipo. Por exemplo, as lutas de poder entre a

UDT<sup>3</sup> e a FRETILIN, mesmo neste formato abreviado, parecem ser detalhadas demais para leitores australianos mais novos.

Só na página 64 é que se começa a falar da invasão indonésia, e a partir daí Plunkett (2008) faz uma síntese incisiva da brutalidade da Indonésia, bem como da coragem da resistência timorense face às probabilidades desiguais. No entanto, dado que o subtítulo do livro se foca na relação da Austrália com os eventos em Timor-Leste, o livro volta repetidamente à forma feudal como os políticos australianos de todo o espectro político estavam dispostos a sacrificar os timorenses em favor da relação da Austrália com a Indonésia, não só pela *realpolitik*, mas também pela incapacidade do grande país respeitar ou valorizar a natureza das preocupações identitárias de países pequenos, e também pela rejeição de que algo associado com o sul da Europa seja digno de qualquer tipo de respeito. Este contexto cultural faz parte de num panorama histórico de desdém anglo pela Europa do Sul.

Para a maior parte dos leitores juvenis, quando o livro de Plunkett apareceu, Timor-Leste só seria uma memória se eles tivessem idade para se lembrar do período do referendo e da onda de assassinatos levada a cabo por milícias ao serviço do exército indonésio e dos seus interesses no pós-referendo. Durante um período de tempo em 1999-2000, Timor-Leste fez manchetes por todo o mundo, e particularmente em Portugal e na Austrália. Depois, periodicamente, as tensões reacenderam-se em Timor-Leste e o país voltou às primeiras páginas, como foi o caso da tentativa de rebelião pelo antigo residente da Austrália Alfredo Reinado em 2006. Dados estes contextos, não é de surpreender que as últimas 70 páginas do livro falem sobre estes eventos e sobre o período da independência. Ao passo que a maior parte dos australianos que tinham acompanhado a saga de Timor-Leste eram altamente críticos dos seus representantes, a participação da Austrália nas forças da UNAMET<sup>4</sup> que ajudaram a supervisionar o referendo, e na INTERFET ajudando a manter a ordem, reestabeleceram uma ideia de que os valores australianos tinham finalmente vindo à tona. Se este é o tom geral desta secção do livro, ao mesmo tempo não culpa os timorenses pelas dificuldades que o país teve em se estabilizar e em se tornar mais próspero, enfatizando as inevitáveis distorções nos padrões e expectativas sociais trazidas pelos 24 anos de violenta ocupação indonésia. Pode-se imaginar que tendo em conta a prontidão dos jovens em ver as coisas em termos de preto e branco, o que neste caso se traduziria nos timorenses serem asiáticos incapazes de se organizarem quando comparados com os australianos eficientes e do primeiro mundo, o livro tentou ser cuidadoso ao não retratar nenhum dos povos envolvidos de forma

---

3 União Democrática Timorense.

4 United Nations Mission in East Timor.

essencialista, apresentando todos os eventos em termos de contingências e de enquadramento históricos.

*The Long Patrol* acaba onde os australianos gostariam que a narrativa se tivesse mantido o tempo todo, uma narrativa alternativa que pairava sobre a história entre Timor-Leste e a Austrália desde 1975, em que a Austrália actuasse segundo os valores supostamente inerentes ao povo australiano. Estes valores de justiça e o *fair go*, uma expressão que remonta à história colonial e às lutas para que as pessoas mais frágeis não fossem esmagadas pelas forças dos poderes estabelecidos, claramente não tinham funcionado na relação entre a Austrália e o seu pequeno vizinho. A história de Plunkett termina, portanto, com optimismo de que a narrativa tomou uma direcção mais em consonância com estes valores. Porém, este optimismo tem sido gorado pelas relações entre os países na área da exploração dos recursos do Mar de Timor, onde uma vez mais o governo e as empresas petrolíferas australianas têm demonstrado não corresponder aos valores associados aos discursos identitários nacionais.

### **O intervencionismo afectivo**

Foi no contexto do referendo e na subsequente crueldade da violência e destruição causadas pelo exército indonésio e por milícias locais apoiadas por esse exército que José Jorge Letria escreveu *Timor Contado às Crianças... e aos Outros* (1999), com o livro a ser publicado em Novembro de 1999, dois meses depois dos violentos eventos de Setembro. O livro cobre muito do mesmo território que o livro de Plunkett (2008), e constitui uma síntese interessante da relação de Portugal com Timor-Leste, bem como dos terríveis acontecimentos de 1999-2000. No entanto, também é radicalmente diferente dos livros escritos em inglês na sua interpelação directa do jovem leitor, e no seu uso de um registo sentimental que começa por conter tanta indignação emocional quanta informação. Afinal, não é difícil perceber “quem eram os bons e quem eram os maus” (Letria, 1999: 11), uma vez que “os Indonésios, ou pelo menos as suas Forças Armadas, mostraram ser maus, desumanos e vingativos” (Letria, 1999: 32). Uma crua ilustração mostra indonésios a metralhar pessoas no massacre do cemitério de Santa Cruz em 1991, com os soldados retratados como malévolos e fisicamente feios, à boa maneira de uma história de aventuras imperial (Letria, 1999: 53). Caridosamente, talvez, poderia dizer-se que as imagens d’“A chegada dos Portugueses” (Letria, 1999: 17) não parecem muito diferentes, não se notando no estilo de desenho de João Mendonça, neste livro, nem muito detalhe nem imagens estilizadas de pessoas com bela aparência física.

Lado a lado com a sua revolta engajada, o livro inclui o jovem leitor num drama nacional e internacional mais alargado desde as primeiras páginas, ao referir-se às extraordinárias demonstrações de emoção e ira por parte do público português na altura da violência pós-referendo: “Eu sei que nunca mais te irás esquecer do nome de Timor-Leste ou de Timor Loro Sae depois de teres vivido as primeiras semanas de Setembro de 1999” (Letria, 1999: 9). Aliás, a experiência de participar em manifestações de rua e de ver outros também a participar nelas, “transformaram Timor-Leste num problema teu... uma das primeiras coisas bonitas e inesquecíveis que aconteceram na tua vida” (Letria, 1999: 10). A insistência, no livro, de que Timor-Leste e Portugal estão intimamente ligados, que Portugal era um colonizador relativamente benevolente, e que esta ligação tem de ser mantida através da instituição do português como uma língua oficial, parece semi-histórica à distância, mas faz parte da intensa onda de solidariedade, nacionalismo, revolta e dor que perpassava a vida pública portuguesa naquele tempo. O livro pretende contextualizar algo cujos detalhes devem ter sido bastante opacos para a maioria das crianças na altura.

No entanto, há muitos atalhos tomados na história que se conta (sempre de forma vantajosa para Portugal), e que é repetida através da interpelação directa ao jovem leitor como alguém que passou por algo que o tornou maior, que lhe ensinou que não podemos “ser indiferentes ao sofrimento dos outros, sobretudo quando falam a mesma língua que nós” (Letria, 1999: 11). Comparada com a síntese de Plunkett (2008), muito mais abrangente, e preparada para criticar o seu próprio país, a mistura emocional de Letria (1999) de informação básica, acusação directa e orgulho nacional não a qualifica como um texto explicativo convencional. Contudo, serve como um exemplo de como a história ou os acontecimentos actuais não têm de fingir ser objectivos, e podem até apelar directamente ao leitor num registo de uma causa ética, colapsando o espaço didáctico do texto em cumplicidade e afeição, como se pode observar em excertos em que se diz que as reduzidas e ineficazes forças armadas portuguesas regressam a Portugal depois da invasão indonésia com “uma grande mágoa por não poderem ajudar os Timorenses a construir uma pátria independente” (Letria, 1999: 42). Afinal, o desejo de levar as crianças a acreditar no valor da solidariedade para com povos distantes, e na eficácia do protesto contra a injustiça, afigura-se como um desejo saudável, embora os laivos de nacionalismo cheguem a ser algo estridentes ao longo do livro. “Defender esta língua [portuguesa]” (Letria, 1999: 69) tem o seu lado positivo como forma de unir povos, mas a defesa de uma língua colonial deveria acontecer num contexto de respeito para com as línguas indígenas, muitas das quais são ameaçadas pelo próprio português, se não em contextos domésticos, pelo menos nas possibilidades de funcionarem eficazmente e de se afirmarem em certos contextos (como, por exemplo, a jurisprudência, a ciência, etc.).

Um dos aspectos do texto de Letria que é único é a sua insistência, mais do que uma vez, na significância dos acontecimentos enquanto eventos mediáticos. Isto não é uma crítica, mas um reconhecimento de que os meios de comunicação social foram necessários para que se gerasse solidariedade e acção globais. Na sua interpelação do jovem leitor, isto aparece na segunda página: “Pela primeira vez reparaste que os meios de comunicação não servem apenas para falar de futebol, de política, de moda ou de crimes. Também servem, e é nessa altura que melhor cumprem a sua função, para servir grandes causas” (Letria, 1999: 10). Esta acção mediática não serviu apenas o apetite português por notícias, nem a confirmação de uma causa que envolvia grandes doses de afirmação de aspectos identitários portugueses, mas também permitiu que outros países com maior impacto no mundo fossem influenciados: “foi decisivo o papel desempenhado pelas grandes cadeias de televisão, pelas rádios e pelos jornais” (Letria, 1999: 12). De facto, Letria mostra-se duvidoso de que, sem as imagens transmitidas pelos meios de comunicação, as grandes potências tivessem exercido pressão para a resolução do conflito, dados os seus interesses na Indonésia, na sua economia e na sua posição estratégica. Os média foram fundamentais “para que deixasse de ser possível manter um silêncio cúmplice em relação ao problema” (Letria, 1999: 34). A certa altura, o apoio continuado a Portugal torna-se algo exagerado, quando se parece sugerir que a opinião pública se decidiu a favor da intervenção em Timor-Leste “vendo as imagens de martírio em Timor e as da solidariedade nas ruas de Portugal, com velas, cartazes e panos brancos nas viaturas, com flores lançadas nos rios a caminho do mar” (Letria, 1999: 57). Alguma da peroração de Letria parece realmente pensamento ilusório: “habitua-te a respeitar o trabalho dos nossos diplomatas” (Letria, 1999: 13), concebível talvez devido ao desejo intervencionista de plantar ideias como as de que “sem usarem armas, conseguiram falar mais alto que as metralhadoras e as pistolas” (Letria, 1999: 13). Ao passo que é fácil detectar o discurso nacionalista no livro, o público de Letria parece ser bastante jovem, tendo em conta as referências às lágrimas que o autor supõe que os leitores terão chorado ao testemunhar na televisão os acontecimentos em Timor-Leste, e ao facto de ter de pedir informação dos pais.

Contrastante com Plunkett (2008) é também a curta secção que fala sobre a Segunda Guerra Mundial. Enquanto que este é um contexto essencial para a relação da Austrália com Timor-Leste, não o é para Portugal. Efectivamente, este é mais um exemplo do falhanço de Portugal em ser útil à população de Timor-Leste. Na versão de Letria (1999) não se faz referência a que a Austrália tenha feito algo danoso para os interesses de Timor-Leste. Em vez disso, os Japoneses invadiram de forma brutal, e os timorenses resistiram “com o auxílio de um contingente australiano de cerca de 400 homens e de um punhado de portugueses” (Letria, 1999: 22). Aliás, segundo Letria, os

australianos “nunca deixaram de cobiçar aquele território” (Letria, 1999: 43), uma acusação algo moderada em comparação com a sua frontalidade em outras partes do livro.

### **Conclusão: Do afecto à memória**

Uma coisa que todos estes livros têm em comum entre si, e também com os textos de ficção infantis que analisei noutro artigo (Callahan, 2016), é que não são dirigidos ao povo timorense. Os livros têm como público-alvo crianças que se acha que têm de ser informadas acerca de uma história e de uma cultura que de alguma forma os interpela, quer porque o país dos escritores esteve directamente implicado nos assuntos políticos e morais, como foi o caso da Austrália e de Portugal, ou porque foi uma causa política e moral que levantou questões à comunidade global enquanto um todo. No entanto, ao passo que a bibliografia não-ficcional para adultos é bastante numerosa, e continua a crescer tanto em português como em inglês, o reduzido número de títulos para crianças parece estar congelado no tempo. Em primeira análise, isto é compreensível tendo em conta o investimento da maioria dos sistemas educativos nas suas histórias nacionais em primeiro lugar, e nas histórias de grandes potências e regiões depois. Por outro lado, Timor-Leste continua a ser relevante tanto para a Austrália como para Portugal, de formas diferentes, de maneira que era expectável que a informação acerca do país continuasse a fazer parte dos currículos escolares de uma forma ou de outra, mesmo que não fosse sob a forma de monografias inteiras dedicadas a Timor-Leste.

Falar de informação nos dias que correm é evocar a gratificação imediata da Internet; nos anos 1990, no entanto, a terceirização de toda a ordenação e apresentação da informação para o Google ainda não tinha tido lugar, e os livros tinham uma autoridade que está presentemente a ser recalibrada, com resultados a longo termo que são difíceis de prever. É evidente que nenhum dos meus exemplos é exactamente recente, mas isto provavelmente acontece porque Timor-Leste não é um tema tão actual como já foi. Em 1999, durante o extremo extravasar de emoção em Portugal em reacção à carnificina que estava a acontecer em Timor-Leste em consequência do referendo sobre a independência, fizeram-se afirmações extremas acerca dos laços entre Portugal e Timor-Leste. Miguel Vale de Almeida escreve esclarecedoramente acerca deste período no ensaio “O epílogo do império: Timor-Leste e a catarse pós-colonial portuguesa”. Apesar de narrar a forma como foi apanhado na emoção e nas demonstrações públicas de solidariedade em Lisboa na altura, observa que “nunca se sabe onde está a fronteira entre a solidariedade com Timor e a inclusão deste numa ‘portugalidade’ transnacional ou mesmo neocolonial” (Vale de Almeida, 2000: 210), e reconhece “a

vertente lusocêntrica e lusófila dos significados que circularam” (Vale de Almeida, 2000: 213). Depois do fim da crise e com a obtenção da independência, Timor-Leste raramente é alvo de atenção nos meios de comunicação portugueses. De modo geral, os estudantes universitários portugueses têm pouco ou nenhum conhecimento acerca de Timor-Leste, o que questiona quaisquer comentários acerca dos laços existentes entre as duas comunidades.

Na Austrália, porém, Timor-Leste continua a ser mediaticamente visível, devido às constantes tentativas de sucessivos governos e empresas de contornar as leis e a ética para se apoderarem da maioria dos lucros derivados da exploração dos recursos de gás natural e óleo do Mar de Timor. Se bem que ainda sem conclusão, esta história não é, no entanto, tão apelativa para as gerações mais novas como era a história de pessoas a sofrer, casas a arder, da destruição e da violência visíveis de há quase vinte anos. Daí que não é de surpreender que, tal como Letria (1999) parecia prever nas suas repetidas asseverações de que “[é] importante que não esqueças esse sentimento e essa vontade” (Letria, 1999: 73), a história de Timor-Leste não está a ser reproduzida hoje em dia em livros para crianças — com a exceção de breves comentários em manuais escolares. Parece confirmar-se que o único interlocutor capaz de manter viva a chama da causa de Timor-Leste é precisamente a criança a quem Letria se dirigia, agora em 2018 um adulto que se lembra daqueles dias terríveis mas inspiradores de 1999 e 2000. Isto é, Letria não imaginava, em 1999, que as gerações futuras mais novas se interessariam pelo tema; apenas aqueles com a relação afectiva da memória sustentariam uma ligação com Timor-Leste. E nisso, parece que tinha razão.

## **Referências Bibliográficas**

ABERNETHY, M., [2009]. *Double Back*. Crows Nest. NSW: Allen & Unwin.

CALLAHAN, D., [2016]. *Writing East Timor for Children: Mobilizing Sympathy*. In: *New Review of Children's Literature and Librarianship*, 22(2), p. 108-123.

EGAN, K., [1997]. *The Educated Mind: How Cognitive Tools Shape our Understanding*. Chicago: University of Chicago Press.

FERNANDES, C., [2010]. *Two Tales of Timor*. In: Craig Stockings (ed.). *Zombie Myths of Australian Military History*. Sydney: University of New South Wales Press, p. 213-233.

HAWKEY, K., [2007]. *Theorizing content: tools from cultural history*. In: *Journal of Curriculum Studies*, 39(1), p. 63-76.

HODGE, B. & MISHRA, V., [1991]. *The Dark Side of the Dream: Australian literature and the postcolonial mind*. Sydney: Allen & Unwin.

- LETRIA, J. J., [1999]. *Timor Contado às Crianças...e aos Outros*. Lisboa: Terramar.
- MCGUINN, T., [1998]. *World in Conflict: East Timor: Island in Turmoil*. Minneapolis: Lerner Publications.
- MÉSSEDER, J. P. [José António Gomes], [2001]. *Timor Lorosa'e: A Ilha do Sol Nascente*. Porto: Ambar.
- O'MALLEY, C *et. al.*, [2007]. *Children's Reported Communication With Their Parents About War*. In: *Journal of Family Issues*, 28(12), p. 1639-1662.
- PEAKE, G., [2013]. *Beloved Land: Stories, Struggles, and Secrets from Timor-Leste*. Melbourne: Scribe.
- PELUSEY, M. & J., [2004]. *Our Neighbours: Papua New Guinea, The Philippines and East Timor*. South Yarra, Vic.: Macmillan Education Australia.
- PLUNKETT, R., [2008]. *The Long Patrol: Australia and East Timor's Wars*. Fitzroy, Vic.: Black Dog Books.
- STOCKINGS, C. (ed.), [2012]. *Anzacs Dirty Dozen: 12 Myths of Australian Military History*. New South / University of New South Wales Press.
- VALE DE ALMEIDA, M., [2000]. *O epílogo do império: Timor-Leste e a catarse pós-colonial portuguesa*. In: *Um Mar da Cor da Terra: Raça, Cultura e Política da Identidade*. Oeiras: Celta Editora, p. 205-225.
- WATSON, J., [1998]. *Justice of the Dagger*. London: Puffin/Penguin.
- WHITE, K., [2002]. *Criado: A Story of East Timor*. Briar Hill, Vic.: Indra Publishing.
- WHITE, R., [1981]. *Inventing Australia: Images and Identity 1688-1980*. Sydney: Allen & Unwin.